

Jogos de faz-de-conta: contribuições para a aquisição da linguagem escrita na infância

Thais Batista de MELO

Curso de Pedagogia – FACED – UFU (thaisdmelo@hotmail.com)

Elieuzza Aparecida de LIMA

Departamento de Didática da FFC – UNESP – Marília (aelislima@ig.com.br; elieuzza@marilia.unesp.br)

Resumo

Este artigo pretende, à luz da teoria de Vygotsky e seus colaboradores, desvelar as contribuições dos Jogos de Faz-de-conta para aquisição da linguagem escrita pelas crianças. O trabalho apresentado é decorrência dos estudos realizados para elaboração da monografia de conclusão de curso, e tem como objetivos: perceber se os jogos de faz-de-conta estão presentes na rotina das crianças pesquisadas; fazer um levantamento bibliográfico sobre o assunto, para entender o que diferentes autores pensam a respeito e discutir à luz da perspectiva histórico-cultural o valor que os jogos de faz-de-conta têm na aquisição da escrita pelas crianças. Cumpre salientar que os resultados apresentados são provenientes apenas dos estudos teóricos realizados, visto que fazem parte de um projeto de pesquisa ainda em andamento.

Palavras – chave

Jogos de faz-de-conta, aprendizagem da escrita, teoria histórico-cultural.

O presente artigo decorre de estudos teóricos realizados para a elaboração da monografia de conclusão de curso, como encaminhamento de projeto de pesquisa em andamento, na disciplina Monografia II, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia – MG, onde sou graduanda do curso de Pedagogia. Está fundamentado nas proposições de Vygotsky e colaboradores a respeito dos jogos de faz-de-conta e sua importância para o desenvolvimento das crianças, bem como para a aprendizagem e apropriação da linguagem escrita por elas. Propõe-se a oferecer aportes teóricos para que se possa pensar nas implicações que as brincadeiras, em especial os jogos imaginativos, têm no processo de alfabetização de crianças de cinco anos, matriculadas em uma escola municipal de alfabetização da cidade de Uberlândia - MG.

Nesse sentido, a metodologia adotada para fins de estudo sobre o tema é o estudo de caso instrumental, que possibilita a utilização dos instrumentos escolhidos para a coleta de dados: observações de práticas pedagógicas que envolvam brincadeiras (jogos de faz-de-conta) e levantamento bibliográfico.

A escolha da teoria de Vygotsky e seus colaboradores como referenciais e norteadoras deste estudo sobre as brincadeiras, em especial os jogos de faz-de-conta, e as suas possíveis contribuições para o desenvolvimento infantil e aquisição da linguagem escrita pelas crianças pequenas se deve, em primeira instância, ao fato de que tal autor considera que as brincadeiras, principalmente as que estimulam a imaginação, têm relações intrínsecas com o desenvolvimento infantil. Além disso, as suas idéias sobre brincadeira,

desenvolvimento e aprendizado são extremamente contemporâneas, e ainda surpreendem, mesmo tendo sido produzidas há mais sessenta anos.

Sabendo-se que não são poucos os que entendem as brincadeiras somente como passatempo, e para evidenciar a sua importância no desenvolvimento das crianças, principalmente no período correspondente à educação infantil, também encontramos nos estudos de Vygotsky, baseados na teoria histórico cultural, contributos essenciais para que se pense nas práticas pedagógicas presentes nas instituições de Educação Infantil, em específico as de Uberlândia, no que diz respeito ao planejamento, organização e execução da brincadeira e à importância dada a ela pelos profissionais da área.

Segundo Wajskop (2009, p.26),

“Cabe à escola resgatar o espaço da brincadeira, mas a maioria das instituições adota modelos em que o lúdico é apenas um recurso para tornar palatáveis seus conteúdos. Há um descrédito da brincadeira, como se ela fosse perda de tempo”. (WAJSKOP 2009, p.26),

Para a autora, há alguns fatores que levam as instituições a não acreditarem na brincadeira como atividade essencial na formação das crianças, dentre eles a pressão por produtividade desde a educação infantil, já que a sociedade de um modo geral e as famílias estão mais preocupadas com o sucesso profissional dos filhos, e por isso ficam ansiosas para que eles desenvolvam rapidamente as habilidades que julgam

imprescindíveis para o sucesso profissional. Por isso a escola se adapta a essa expectativa e investe em conteúdos dirigidos a esse fim, deixando de lado o papel e o lugar da brincadeira na educação da criança.

‘Mas, ao contrário do que se imagina, a brincadeira espontânea é a atividade que mais favorece algumas das características que deverão ser privilegiadas no futuro, como criatividade e capacidade imaginativa, versatilidade para atuar em qualquer função e habilidade para resolver problemas e trabalhar em equipe’. (WAJSKOP, 2009 p. 27).

Nesse sentido, a questão motivadora das discussões ora apresentadas é a seguinte: de que forma o jogo de faz-de-conta pode contribuir para o desenvolvimento infantil e para a aquisição da linguagem escrita por crianças de cinco anos de idade? Sem a pretensão de apressamento de respostas a essa questão, a hipótese norteadora deste estudo é que, com lugar efetivo na rotina diária e semanal na educação infantil, o jogo de faz-de-conta possibilita ações mentais e práticas da criança pequena fundamentais à formação de bases necessárias para a aprendizagem da escrita nos primeiros anos de vida, dentre as quais a formação e o aperfeiçoamento da função simbólica da consciência. Nesse processo de atividade, a criança deve assumir um papel protagonista e o/a professor/a função de mediador/a e criador/a de situações, lugares e materiais propícios a essa atividade.

As reflexões sobre o papel da brincadeira, especialmente do jogo de faz-de-conta, no desenvolvimento infantil são realizadas por diferentes estudiosos, dentre os quais é possível citar Leontiev (1978), Vigotskii (1988), Vygotski (1995), Rocha (1997), Lima (2005), Mello (2005). Tais estudos apontam que normalmente o brincar é comparado a uma atividade que é dominada pela imaginação e permite à criança inventar, sem utilizar de regras, tudo o que ela desejar fazer, ou seja, transformar os objetos a seu bel prazer. Entretanto, a autora se mostra contrária a essa idéia, pois percebe que se estabelece uma rigidez entre o que é real e o que é imaginário.

“Estabelece-se, como causa e/ou consequência dessa forma de entendimento, uma linha freqüentemente rígida entre o que é real e o que é imaginário, entre o que é regulado por regras e normas e o que se constitui a margem delas, em que se enquadraria o brincar”. (ROCHA, 1997 p. 65).

A autora corrobora as idéias de Vygotski (1988), quando afirma que não há separação entre imaginação e realidade na brincadeira: ao brincar, a criança

faz uso de elementos da realidade e os organiza em novas combinações de acordo com aquilo que ela imagina. Nesse sentido, pode-se dizer que a imaginação é fundamental na brincadeira. Outro aspecto destacado por Rocha (1997), em relação à brincadeira, em especial ao jogo de faz-de-conta, é a presença de regras nesses jogos imaginativos, pois diferentemente do que se tem dito sobre o assunto, as crianças não escolhem as brincadeiras de forma aleatória, mas há sempre uma exigência, uma regra que envolve esse ato.

Entretanto, atualmente a relação entre as brincadeiras e a aprendizagem é desacreditada, pois muitas pessoas associam o brincar a uma atividade que demanda desgaste de energia e serve apenas como preenchimento de tempo, mera diversão. E não há dúvidas sobre o valor de diversão que as brincadeiras têm. Mas será esse o seu único papel na vida de uma criança? Qual é a sua importância? Quais as suas contribuições para a aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita pelas crianças? Essas questões são importantes nas atuais reflexões sobre a educação infantil, em especial acerca do papel do jogo de faz-de-conta no processo de aprendizagem da criança. As aprendizagens decorrentes desta atividade vital para a criança são motivadoras de formação e desenvolvimento de capacidades típicas do homem, tal como, por exemplo, a função simbólica da consciência, fundamental para a aquisição da escrita.

Na busca de respostas às questões postas, a pretensão deste estudo é, sem relegar o valor das contribuições de diferentes estudiosos para a temática, pensar sobre o papel das brincadeiras para a aquisição e desenvolvimento da escrita pelas crianças, sob a ótica da Teoria Histórico-Cultural, à luz de um dos seus maiores representantes Lev Semenovitch Vigotski e outros estudiosos que se pautaram na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano (LEONTIEV, 1978; 1988; MUKHINA, 1996; LIMA, 2005; MELLO, 2005; dentre outros). A brincadeira tem um papel único para o desenvolvimento infantil, oferecendo à criança a oportunidade de descobrir o mundo, de se apropriar de habilidades humanas, de expressar frustrações (dirigir um caminhão, por exemplo), de inventar coisas e situações (no faz-de-conta) e de aprender. Além disso, trata-se de uma atividade vital para o desenvolvimento infantil, na medida em que estimula a criatividade, contribui no desenvolvimento da linguagem, tanto verbal quanto escrita, das formas de pensamento, da concentração e outras capacidades especificamente humanas (VYGOTSKI, 1995; MUKHINA, 1996; MELLO, 2005). Nesse sentido, a brincadeira de faz-de-conta é humanizadora, a partir do momento em que, brincando, a criança aprende e interage com outras crianças, criando vínculos afetivos, formações morais, cognitivas e sociais – isto é, brincando, na infância, a criança se apropria daquilo que é típico do humano.

Para confirmar essa idéia da natureza humanizadora do faz-de-conta, Leontiev (1978) explicita que “o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade”. Leontiev (1978) aponta o jogo de faz-de-conta como uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil: a partir desse tipo de brincadeira se estabelecem mudanças imprescindíveis para o desenvolvimento psíquico da criança, e se desenvolvem processos psicológicos e atividades mais complexas. No faz-de-conta, por meio da imaginação, a criança vivencia situações do cotidiano adulto, pelas quais na realidade ela jamais poderia passar, como, por exemplo, ser mãe, motorista, dentista, médico (LEONTIEV, 1978).

“Leontiev (1978), à semelhança da idéia de Vygotsky, do brincar como zona de desenvolvimento proximal na infância, trata o jogo do faz-de-conta como atividade principal da criança. Destaca esse tipo de jogo como a atividade em conexão com a qual ocorrem as mudanças mais importantes no desenvolvimento psíquico infantil, e no interior da qual se desenvolvem processos psicológicos e atividades mais complexos”. (ROCHA, 1997, p. 64).

Mediante as considerações de Leontiev (1978), é possível entender a dimensão do jogo de faz-de-conta na infância, visto que brincando a criança se desenvolve em vários aspectos, sejam eles cognitivos, psicológicos ou sociais, devido à interação com outras crianças. Além disso, por meio desse tipo de brincadeira torna-se possível para a criança enfrentar problemas vivenciados no dia-a-dia de forma menos desgastante, expressando suas angústias, como, por exemplo, quando acontece a separação dos pais.

Para ampliar esta reflexão, Mello (2005) assinala a importância da brincadeira de faz-de-conta no processo de desenvolvimento infantil. Essa autora afirma que esse tipo de atividade, juntamente com outras formas de expressão como o desenho, a pintura, a modelagem, a dança e a poesia são fundamentais para a formação da identidade, inteligência e personalidade infantis. Além disso, ressalta a relevância da brincadeira na aquisição da escrita pela criança, uma vez que “[...] [constitui] as bases para a aquisição da escrita como um instrumento cultural complexo [...]” (MELLO, 2005, p. 24).

Essas idéias relevam que o faz-de-conta ativa o uso de capacidades essenciais à aquisição da escrita bem como a simbolização e, por isso, pode ser considerado como atividade que antecipa e orienta essa aprendizagem da linguagem escrita: ao brincar a criança faz uso de gestos, que são as formas iniciais de comunicação. Na evolução deste processo, a linguagem oral tem

papel essencial na apropriação da linguagem escrita. No entanto, sem consideração a esses fundamentos para orientação de fazeres na educação infantil, os professores, de modo geral, colocam o faz-de-conta em segundo plano (quando o fazem) na rotina diária e semanal das instituições infantis. Sobre essa questão, Mello (2005, p. 29) faz uma crítica às atividades que são utilizadas na pré-escola para ensinar as crianças a escrever:

“[...] Em geral, ensinam-se letras e sílabas para as crianças na Educação Infantil e no processo inicial de alfabetização no Ensino Fundamental. Parece que, ante a complexidade da escrita, se buscou uma forma de tornar o processo mais simples” [...].

De acordo com essa proposição, para essa autora, esses profissionais precisam dar uma atenção especial ao faz-de-conta se quiserem que as crianças aprendam efetivamente a escrever, não de forma mecânica, mas como uma linguagem expressiva e de conhecimento do mundo, ou seja, atribuindo significados àquilo que elas vão conhecendo por meio de uma relação ativa com a cultura e a natureza, em atividades mediadas por outras pessoas. Na defesa de Mello (2005), acerca dos jogos de faz-de-conta e sua importância para a aquisição da linguagem pelas crianças, e tomando como base a minha atual experiência no estágio, ainda em processo, numa escola municipal de Uberlândia – MG., bem como a experiência que vivenciei em outros momentos como estagiária, no ano de 2008, uma idéia parece clara: o fato de a maioria dos professores não perceber a importância que as brincadeiras, em especial o jogo imaginativo, têm para a aquisição da escrita pelas crianças se deve à falta de preparo das mesmas para tal, o que sugere a necessidade de uma formação inicial e continuada dessas profissionais com base em uma criteriosa e sólida preparação teórica e prática.

Essas idéias são fundamentais para colocar em evidência questões relativas à educação infantil, em especial o problema orientador deste artigo, já mencionado: de que forma os jogos de faz-de-conta podem contribuir para o desenvolvimento infantil e para a aquisição da linguagem escrita por crianças de cinco anos de idade? As contribuições de Vygotsky (1998) parecem orientar respostas a essa questão. De acordo com o autor, na idade pré-escolar, surgem necessidades/desejos das crianças que não podem ser realizados imediatamente, e, para resolver esses problemas, elas criam um mundo ilusório/imaginário no qual a realização desses desejos se torna possível, esse mundo é o que podemos chamar de brincadeira.

Para o autor, brincar é fundamental no processo de aquisição e desenvolvimento humano da criança, com

impactos decisivos para a aprendizagem da escrita, ao considerarmos que brincando a criança faz gestos, que aos poucos se tornam representações simbólicas e gráficas dos objetos. É o primeiro passo para a aprendizagem da escrita. Mas, para que a criança aprenda a escrever é preciso que ela sinta necessidade de fazê-lo. Mello (2005) compartilha dessas idéias. Para a autora,

“[...] da mesma forma que a linguagem oral é apropriada pela criança naturalmente, a partir da necessidade nela criada no processo de sua vivência social numa sociedade que fala, a escrita precisa fazer-se uma necessidade natural da criança numa sociedade que lê e escreve”. (MELLO, 2005, p. 33).

Ao fazer uso dessa citação de Vygotsky (1998), para expressar suas concepções a respeito da aprendizagem da escrita pela criança, a autora salienta que aprender a escrever não depende apenas da vontade do educador, mas é preciso que faça sentido para a criança, porque esse aprendizado só acontece se for realmente necessário. Nessa perspectiva, a escrita se faz uma necessidade para a criança, na medida em que ela está inserida em uma sociedade na qual ler e escrever é condição sine qua non para a inserção cada vez mais ativa das pessoas em um grupo social. Para aprender a escrever, segundo Luria (1990), a criança precisa passar por um percurso que ele denomina pré-história da escrita. O autor aponta que, em primeira instância, a criança imita o formato da escrita do adulto e sua produção é composta apenas por rabiscos mecânicos, que não têm relação com os conteúdos que pretende representar.

Como próximo passo na aprendizagem da escrita, a criança continua a fazer marcas sem relação com o conteúdo, que Luria (1990) chama de “marcas topográficas”, e embora ainda não sejam signos fornecem a ela pistas que poderão auxiliá-la na recuperação de informações. A partir dessas marcas, a criança passa a se preocupar em produzir na escrita algo que seja capaz de traduzir as diferenças que há entre a fala e a escrita. Primeiramente as diferenças que ela registra são formais e posteriormente surge a preocupação em distinguir quantidade, tamanho e outras características do que é dito. Nesse nível de desenvolvimento, de acordo com o mesmo autor, a criança já percebe a necessidade de utilizar marcas diferentes em sua escrita, e começa então a fazer uso de representações pictográficas, ou seja, desenhos, como forma de simbolizar determinados conteúdos.

A partir daí ela passa à escrita simbólica, para representar informações que considera difíceis de desenhar. E o próximo passo, para a criança que vive numa sociedade na qual ler e escrever é condição fundamental para o convívio social, é assimilar os mecanismos

de escrita simbólica disponíveis na sua cultura, isto é, aprender a língua escrita propriamente dita. Luria (1990) salienta que, nesse processo, as crianças interagem com a língua escrita no seu cotidiano social, com o que os adultos convencionaram como forma de escrever. Segundo o autor, pode haver variações na aprendizagem da escrita pelas crianças, de acordo a experiência concreta delas.

Assim, pode-se dizer que o sistema simbólico da escrita exerce influência no processo de desenvolvimento cultural da criança. Nesse sentido, são possíveis algumas conclusões preliminares dos estudos bibliográficos já realizados, dentre elas a necessária reflexão sobre o papel do professor da educação infantil e do ensino fundamental no processo que envolve o ensino da escrita às crianças. Cabe a esse profissional pensar na necessidade das crianças de escrever, e não propor exercícios mecânicos, que envolvem treino da escrita. E, sobretudo, orientar/mediar esse processo em que a criança descobre que pode não só desenhar os objetos, mas também o que ela fala. “[...] poderíamos dizer que o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas a escrita de letras [...]” (VYGOTSKY, 1984, p.134).

A partir dos estudos já realizados é possível depreender, com base nos aportes teóricos utilizados, que os jogos de faz-de-conta exercem influência decisiva na aprendizagem de bases necessárias à linguagem escrita pelas crianças, embora a maioria dos professores atuantes na Educação Infantil não se atente para esse fato. Nesta perspectiva, as idéias aqui expostas poderão contribuir para o trabalho dos professores já atuantes na Educação Infantil, na medida em que lhes proporciona o repensar de sua prática pedagógica, e também para a formação dos futuros pedagogos.

Referências Bibliográficas

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- LIMA, E. A. de. **Infância e Teoria Histórico-Cultural: (Des) Encontros da Teoria e da Prática**. 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Filosofia, UNESP (Campus de Marília), Marília, 2005.
- LEONTIEV, A. O Homem e a Cultura. In: **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Novos Horizontes, 1978.
- MELLO, Suely Amaral. O processo de aquisição da escrita na Educação Infantil: Contribuições de Vygotsky. In: FARIA, A. L. G. de; MELLO, S. A. (Orgs.). **Linguagens infantis: outras formas de leitura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 23-40 (Coleção polêmicas do nosso tempo, 91).
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **VYGOTSKY. Aprendizagem e Desenvolvimento**. Um Processo Sócio-Histórico. São Paulo, Scipione, 1993.

REICKK, Rita. *Brincadeiras da Infância*. Disponível em: www.sitedepoesias.com.br; Acesso em: 17/06/2009.

ROCCO, M.T.F. Acesso ao mundo da escrita: os caminhos paralelos de Luria e Ferreiro. In: *Cadernos de Pesquisa*, 75; p. 25-33, Nov.1990.

ROCHA, M. Sílvia P.M.L.da. O real e o imaginário no faz-de-conta: questões sobre o brincar na pré-escola. In: GÓES, M.C.R.; SMOLKA, A.L.B (Orgs). *A significação nos espaços educacionais*. Campinas, SP: Papirus, 1997. (p.64)

VYGOTSKY. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

_____. et al. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo, Ícone/Edusp, 1988.

_____. *Pensamento e linguagem*. 2. Ed. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

WAJSKOP, Gisela. Brincar É Preciso. In: *Revista Educação*. São Paulo. *Especial Educação Infantil*. Edição nº 1. Fascículo 2 (p.26-33), 2009.

Informações sobre as autoras

Thais Batista de Melo

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Católica de Uberlândia. Graduada em Pedagogia na FAGED – UFU – MG. É membro ativo do Grupo de Pesquisa “Implicações da teoria histórico-cultural na aprendizagem da leitura e da escrita.” E – mail: thaisdmelo@hotmail.com; thaisbatista.melo@gmail.com.

Elieuzza Aparecida de Lima

Pedagoga, mestre e doutora em educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília – UNESP. Na mesma Faculdade é Professora Assistente Doutora junto ao Departamento de Didática, onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão. É membro ativo dos Grupos de pesquisa “Implicações Pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural”; “Processos de Leitura e de Escrita: apropriação e objetivação”.E-mail: aelislima@ig.com.br; elieuzza@marilia.unesp.br. Atuou como orientadora do trabalho apresentado.